

Escola Superior de Educação Paula Frassinetti

Pós-Graduação em Educação da Criança em Creche

VINCULAÇÃO
CRIANÇAS EM CRECHE

OLGA AMÉLIA DA COSTA RODRIGUES
SUSANA CRISTINA SOUSA REIS

PORTO
2009/2010

Escola Superior de Educação Paula Frassinetti

Pós-Graduação em Educação da Criança em Creche

VINCULAÇÃO
CRIANÇAS EM CRECHE

OLGA AMÉLIA DA COSTA RODRIGUES (1999028)

olgarodrigues71@gmail.com

SUSANA CRISTINA SOUSA REIS (2008238)

susanareis34@hotmail.com

ORIENTADORA: MESTRE ANA CRISTINA NUNES

*Projecto de Pós-Graduação apresentado
À Escola Superior de Educação Paula Frassinetti
como parte dos requisitos para obtenção do grau
de Pós-Graduadas em Educação da criança em Creche.*

PORTO
2009/2010

Resumo

Esta investigação tem como objectivo principal estudar o papel da vinculação da criança à creche, desde os seis aos trinta e seis meses de idade, isto é, aquando da sua entrada para a creche. Para tal, e com recurso a uma metodologia qualitativa, desenvolveram-se dois questionários, aplicados a pais e funcionários, e uma checklist de observação, que abrangeu 10 crianças, em momentos específicos como a chegada e a partida da criança.

Este estudo permite concluir que a vinculação da criança em creche é fundamental para o seu desenvolvimento salutar, uma vez que quanto mais segura se sentir a criança mais fácil será a sua adaptação. Neste processo, quer os pais quer os profissionais, com maior relevância os educadores, desempenham um papel preponderante.

Abstract

This research has as main aim studying the role of children's tie to Nursery School, since the six to thirty six months of age, meaning, when they begin their school life. Therefore and using a quality methodology, we carry out two surveys applied to Parents and Nursery School Employees and an observation checklist, which included ten children in specific moments, as the children's arrival and the children's departure.

This study allows concluding that the children's tie to Nursery School is of the utmost importance to their healthy development, because as more secure they feel, easier will be their adaptation. In this process, Parents as much as Professionals, mainly, Nursery School Teachers play a determinant role.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos os que, directa ou indirectamente, tornaram possível a concretização deste trabalho. Um agradecimento especial:

À ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PAULA FRASSINETTI.

À Professora Ana Cristina Nunes, pela disponibilidade em acompanhar e orientar esta investigação, pela ajuda na reflexão e pelos ensinamentos preciosos.

Aos responsáveis da IPSS acolhedora deste estudo, e às funcionárias que nele participaram.

Às mães que prontamente se disponibilizaram a participar nesta investigação.

Às nossas famílias, pela forma como acarinharam este projecto.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	9
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11
2.1. O COMPORTAMENTO DE VINCULAÇÃO E O SEU DESENVOLVIMENTO	11
2.2. ORIGEM E CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DA VINCULAÇÃO	13
2.3. DEFINIÇÃO DE SISTEMA COMPORTAMENTAL DE VINCULAÇÃO	15
2.4. FASES DE DESENVOLVIMENTO DA VINCULAÇÃO NA 1ª INFÂNCIA	16
2.4.1. Os padrões de vinculação	18
2.4.2. Paradigma da Situação Estranha	20
3. VINCULAÇÃO NA CRECHE	23
3.1. O PAPEL DO EDUCADOR NA CRECHE	25
4. COMPONENTE EMPÍRICA	27
4.1. CONTEXTUALIZAÇÃO/POPULAÇÃO/AMOSTRA	27
4.2. INSTRUMENTOS E MÉTODOS DE RECOLHA DE DADOS	30
4.3. ANÁLISE DE DADOS E RESPECTIVAS CONCLUSÕES DO TRABALHO EMPÍRICO	31
a) Resultados dos questionários aplicados às funcionárias	31
b) Resultados dos questionários aplicados às mães	32
4.4. Análises de Correlação entre as variáveis em estudo	36
4.4.1. Relação entre as dificuldades de adaptação à creche e as características das mães e da própria criança	36
4.4.2. Relação entre as características das mães e os comportamentos actuais de adaptação das crianças à creche	37
4.4.3. Relação entre as características dos profissionais e os comportamentos actuais de adaptação das crianças à creche	38
5. CONCLUSÕES	40
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
ANEXOS	44

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Caracterização da amostra em função da variável idade	27
Gráfico 2 - Caracterização da amostra em função da variável Categoria Profissional	28
Gráfico 3 - Caracterização da amostra em função da variável Idade actual	29
Gráfico 4 - Caracterização da amostra em função da variável Escolaridade	29
Gráfico 5 - Caracterização do número de crianças com dificuldades na entrada da creche	33
Gráfico 6 - Caracterização do número de crianças que actualmente têm dificuldades	33

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização da amostra em função da variável Género	27
Quadro 2 – Caracterização da amostra em função da variável Escolaridade.....	28
Quadro 3 - Caracterização da amostra em função da variável Tempo de serviço total	28
Quadro 4 - Caracterização da amostra em função da variável Tempo de serviço em creche	29
Quadro 5 - Estratégia metodológica.....	30
Quadro 6 - Caracterização das funcionárias em função da idade das crianças com que trabalham.....	31
Quadro 7 - Caracterização das estratégias que as funcionárias utilizam para acalmar	31
Quadro 8 - Caracterização dos comportamentos das funcionárias	32
Quadro 9 - Caracterização das crianças quanto ao género.....	32
Quadro 10 – Caracterização da idade das crianças aquando da entrada para a creche	32
Quadro 11 - Frequência dos comportamentos de adaptação da criança à creche nos 3 momentos de adaptação	34
Quadro 12 - Correlação entre as dificuldades de adaptação à creche e as características das mães e da própria criança.....	37
Quadro 13 - Correlação entre as características das mães e os comportamentos de adaptação da criança à creche	37
Quadro 14 - Correlação entre as características dos adultos da creche e os comportamentos de adaptação da criança à creche	38

1. INTRODUÇÃO

O tema proposto para Projecto de Investigação relaciona-se com a vinculação da criança quando se está a adaptar à creche.

Quanto aos objectivos que pretendemos com este Projecto são os seguintes: Ao nível de intervenção, pretendemos compreender e melhorar as nossas atitudes, como profissionais de creche, no momento tão especial, como é a adaptação a um novo ambiente com pessoas novas e objectos desconhecidos para as crianças. No entanto trabalhar com os pais das crianças, envolvendo-as através de estratégias que facilitem e ajudem a ultrapassar o momento que também é difícil para eles, isto é a separação do filho e a entrega do filho a alguém que não conhece.

A fundamentação teórica foi realizada com base de teorias de alguns autores, foram realizados questionários na instituição à equipa pedagógica que se encontra a trabalhar neste momento na valência de creche, a alguns pais. Foram realizadas também observações directas às crianças, cujos pais responderam aos questionários.

O conceito de vinculação, em psicologia, refere-se às procuras dirigidas a figuras específicas, ou seja, a relações afectivas específicas. Assim, vinculação é a tendência que os indivíduos têm para procurar a presença ou testar a proximidade de membros da mesma espécie. Um bebé que se sente protegido terá muito mais hipóteses de se tornar um adulto seguro de si e capaz de amar e de se sentir amado. Várias pesquisas revelam que as crianças seguras em relação aos seus pais choram menos e são mais persistentes na exploração do ambiente. A vinculação inicia-se a partir das respostas dadas pelos adultos, que permitem estabelecer as interacções sociais. Para manter a proximidade e cuidados dos outros seres humanos e especialmente da mãe (esta aproximação não é inata), o bebé desenvolve padrões específicos de proximidade, tais como chupar, agarrar, seguir com o olhar, chorar e sorrir. O ser humano é aquele que está menos dotado para viver sozinho e, assim, essa imaturidade é o ponto de partida para a necessidade de envolvimento social com o meio externo. A função da primeira vinculação é a de sobrevivência, não física, mas como vivência e aquisição daquilo que

é específico da espécie humana e isto só acontece através da relação interpessoal onde se cria e se constrói relações afectivas entre os seres humanos e através da qual se estabelece a capacidade de relação interpessoal. Em princípio, a primeira relação humana afectiva recai sobre a figura materna, mas depende da relação mantida com o bebé, pois nem sempre é assim, pode ser outra pessoa que não a mãe biológica a criar a vinculação com o bebé.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O termo “vinculação” refere-se a um laço afectivo que uma pessoa (ou animal) forma com outro indivíduo específico. A “vinculação” é portanto discriminativa e específica. A “vinculação” ocorre em todas as idades e não significa necessariamente imaturidade e insegurança. É certo que o primeiro laço é formado provavelmente com a mãe, mas isto pode ser complementado rapidamente com vinculações a outras pessoas específicas. Uma vez formada, quer com a mãe ou com outra pessoa, uma vinculação tende a persistir. “Vinculação” não é um termo a ser aplicado a uma relação acidental ou a uma transacção de dependência meramente situacional. A vinculação lança pontes sobre lacunas no espaço e no tempo. O comportamento de vinculação pode ser reforçado ou enfraquecido por factores situacionais, contudo a vinculação é durável, mesmo passando por situações adversas (Rajecki, Hoffman, Ratner, Harlow, Bowlby, Ainsworth, 1976).

2.1. O COMPORTAMENTO DE VINCULAÇÃO E O SEU DESENVOLVIMENTO

A maior parte do comportamento de vinculação da criança é mediado por sistemas comportamentais que, uma vez completamente desenvolvidos, têm como objectivo fixo a proximidade da mãe. Para atrair a mãe a si, pode emitir sinais através do choro, do sorriso, do balbucio ou do chamamento, por meio de gestos como o levantar os braços e através de muitos outros comportamentos. Logo que pode andar de um lado para outro, a criança pode regular a proximidade aproximando – se ou seguindo a mãe, pode conseguir a proximidade trepando por ela, pedindo colo e agarrando-se a ela.

Existe uma relação directa entre o comportamento de vinculação da criança e o comportamento maternal da mãe, mas a interacção mãe – criança não tem como resultado o íntimo contacto físico.

Bowlby (cit in Rajecki, Hoffman, Ratner, Harlow, Bowlby, Ainsworth, 1976) distingue quatro fases principais no desenvolvimento do comportamento da vinculação:

- **Fase 1 - Orientação e sinais sem discriminação de figuras:** nesta fase a criança, durante as primeiras semanas e como é incapaz de discriminar uma pessoa de outra, comporta-se de maneira característica para com as pessoas. Ela responde a qualquer pessoa na vizinhança, orientando-se com os olhos, agarrando, sorrindo, tentando chegar e parando de chorar ao ver um rosto ou ao ouvir uma voz.
- **Fase 2 - Orientação e sinais dirigidos a uma ou mais figuras discriminadas:** nesta fase a criança comporta-se do mesmo modo amigável para com as pessoas como o fez na primeira fase, mas duma maneira mais marcada, para a sua mãe do que para os outros. A criança mostra um comportamento diferencial para com a voz da mãe (Wolff, 1963) e pára de chorar de modo diferencial, de acordo com quem lhe está a pegar, chora de modo diferenciado quando é a mãe que se vai embora ou quando são outras pessoas.
- **Fase 3 - Manutenção da proximidade em relação a uma figura discriminada:** quer através de locomoção, quer através de sinais, a criança, para além de comportamentos como aproximar-se, seguir, trepar, explorar e agarrar-se à mãe, sendo esta a mais procurada entre outras pessoas, também usa a mãe como base segura a partir da qual explora. Os comportamentos de procura de proximidade e os que são contrários à proximidade são característica da interacção mãe-criança nesta fase.
- **Fase 4 - Formação duma relação recíproca:** Esta fase acontece por volta dos 2 3 anos. A criança não compreende, nem consegue planear os factores que influenciam as mudanças de comportamento da mãe. Contudo, com a sua orientação, ela já consegue atingir essas mudanças, se bem que de forma gradual. Sendo assim, a criança pode começar a alterar as metas orientadas da mãe na direcção de uma coincidência mais estreita com as suas próprias. Essa mudança é conseguida através de técnicas de pedido e persuasão. Nesta fase a criança compreende o ponto de vista da mãe, mas é capaz de traçar uma estratégia para alterar o comportamento desta, mostrando ter já elaborada competência cognitiva. O desenvolvimento da criança poderá ser influenciado

pelos comportamentos dos pais, pois estes, por vezes, tanto o encorajam como desencorajam. No período pré-locomotor é da responsabilidade da mãe manter a proximidade. Quando a criança já se pode deslocar, procura a aproximação à mãe, mas como ainda não está apta para tal e não tem noção dos perigos que corre, pode estar em risco. A partir dos quatro anos, a proximidade da mãe com a criança é da responsabilidade dos dois.

2.2. ORIGEM E CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA TEORIA DA VINCULAÇÃO

Quanto ao termo vinculação, ele foi introduzido em 1958, por John Bowlby, um médico inglês de psiquiatria da infância que teve um papel preponderante na compreensão das ligações emocionais entre pais e filhos. Pelo termo vinculação, Bowlby (1969) entendia uma capacidade inata dos recém-nascidos se ligarem aos adultos que lhe estavam mais próximos, sobretudo os que deles cuidavam no dia-a-dia. Hoje, todos os dados de que dispomos, reforçam a ideia de que o bom desenvolvimento emocional da criança depende da qualidade do vínculo da criança aos seus pais, ficando reforçada a ideia de que se a mãe ou os adultos mais próximos não se ligarem ao bebé, não há vinculação mas uma unilateralidade de relação. A teoria da vinculação é útil para a compreensão futura da nossa capacidade de estabelecer relações com boa qualidade afectiva com quem nos rodeia. Bowlby começou os seus estudos com crianças vítimas de múltiplas privações afectivas. Depois, já nos anos 70, e continuando os trabalhos pioneiros de Bowlby, Mary Ainsworth estudou a vinculação em crianças do Uganda. De regresso aos Estados Unidos, desenvolveu uma situação de avaliação experimental que ainda hoje é utilizada, mesmo que empiricamente. Trata-se do teste da situação estranha, onde se observam as reacções de crianças a partir de 1 ano quando, colocadas numa sala com um observador, as mães se ausentam e, ao fim de algum tempo, são convidadas a entrar, dando-se então a possibilidade de um reencontro. Este teste é

realizado na primeira infância, uma vez que ainda existe uma dependência do objecto real (a mãe fisicamente presente) para a sua representação interna. O mais importante é saber também que esta capacidade pode ser indicadora da qualidade de ligações emocionais futuras das crianças, e que a maioria dos pais que têm filhos seguros, são eles próprios adultos com padrões de vinculação igualmente seguros. As crianças com vinculações seguras estão naturalmente mais aptas a gostar de ir à escola, aprender, brincar, receber e visitar amigos, e um dia namorar, casar, terem a sua família organizada, unida de forma harmónica e saudável, pois têm uma confiança básica em si e no mundo (Nabuco, 2005).

A vinculação visa a compreensão do fenómeno, pelo qual o bebé e a mãe (ou a mãe substituta) estabelecem entre si laços selectivos e privilegiados. Segundo Bowlby (1969), a vinculação é um sistema primário específico, isto é, está presente a partir do nascimento com características próprias da espécie, tão natural como a respiração, não deriva de outra necessidade primária, tal como a satisfação das necessidades alimentares.

Bowlby (1969) entende por comportamento de vinculação, todo o comportamento do recém-nascido que tem como consequência e como função criar e manter a proximidade ou o contacto com a mãe, ou a pessoa que a substitua. Trata-se de manifestações inatas (presentes na altura do nascimento) tais como o choro, o sorriso, a sucção, o apego, o balbucio, etc. Deste modo, o choro do recém-nascido tem mais probabilidades de levar a mãe a aproximar-se e a pegar na criança ao colo. Esta aproximação proporciona um comportamento social e consistiu, para além disso uma recompensa. Com a aproximação, o recém-nascido pode identificar, de uma maneira selectiva, a própria mãe (ou a pessoa que a substitui) e como resultado disso, é a partir do nascimento (e provavelmente antes), que o recém-nascido possui capacidades perceptivas que lhe permitam essa identificação. A mãe (ou a pessoa que a substitui) torna-se o “alvo preferido” do recém-nascido como resposta ao comportamento de vinculação.

2.3. DEFINIÇÃO DE SISTEMA COMPORTAMENTAL DE VINCULAÇÃO

O sistema comportamental da vinculação não envolve apenas comportamentos, mas tem, também, componentes cognitivos e emocionais. Durante o primeiro ano de vida, ao longo das interações com as figuras que prestam cuidados, o bebé vai construindo gradualmente um conjunto de conhecimentos e expectativas sobre o modo como essas figuras actuam e respondem aos seus pedidos de ajuda e de protecção, em termos do seu valor próprio e capacidade de influenciar os outros. Bowlby (1969) designa estes conhecimentos e expectativas, construídos a partir das interações repetidas com as figuras de vinculação e internamente organizados sob a forma e representações, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações, como modelos internos dinâmicos de vinculação. Estes modelos permitem que o sujeito tome decisões sobre o seu comportamento de vinculação face a uma figura em particular, permitindo que o sujeito opere mais eficazmente. Estes modelos são como guias para a interpretação dos comportamentos de vinculação, permitindo ao sujeito saber como se deve comportar em situações relevantes para a vinculação. Nestes modos, o sistema da vinculação poderá ser concebido como um ponto para o processo comportamental-cognitivo-emocional.

Segundo Bowlby (1973), o familiar sistema comportamental de medo e de vinculação são muitas vezes desencadeados em conjunto, pelas mesmas circunstâncias; como por exemplo quando uma criança, esta assustada, ela só quer evitar o desconforto e procura protecção ou segurança. Se a vinculação não estiver disponível, a criança enfrenta uma situação de medo: não só está a enfrentar o medo, mas está privada de uma fonte crítica de protecção, ambos os aspectos estimulam o medo, embora Bowlby reserve o termo medo para situações que alarmam a criança como resultado de presença de estímulos ameaçadores e o termo ansiedade para situações em que a figura da vinculação esta ausente.

Definir o sistema de vinculação, permite explicar a evolução dos comportamentos da criança ao longo da sua infância, face a separação da figura da vinculação. À medida que a criança é mais activa na relação da separação, por exemplo, através da linguagem, do recurso de estratégias mais intencionais, da maior capacidade

de compreender os planos e objectivos mútuos, torna-se possível fazer planos sobre a separação que a tranquilizem sobre a acessibilidade e responsabilidade da figura de vinculação. Dado que a separação já não é percebida como uma ameaça da figura da vinculação, a perturbação com a separação diminui claramente, o que não significa que a importância da relação de vinculação.

O sistema de vinculação no sentido da disponibilidade da figura de vinculação, apresenta três posições quando se tem confiança na figura da vinculação, há menos tendência para sentir medo; a confiança da figura da vinculação ao longo dos primeiros anos tende a persistir ao longo da vida (Bowlby, 1973). Em síntese a figura da vinculação esta associada com a (in) segurança da vinculação.

2.4. FASES DE DESENVOLVIMENTO DA VINCULAÇÃO NA 1ª INFÂNCIA

1.^a fase - **orientação e sinais com uma discriminação limitada de figuras** (Soares, 1996) - **dos zero aos três meses de idade** – identificam-se o que se pode denominar de **precursores dos comportamentos de vinculação** (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1972, cit in Soares, 1996): chorar, sorrir, agarrar, etc. A criança nasce com estes comportamentos operacionais, mas não são ainda considerados comportamentos de vinculação propriamente ditos. Nesta fase é a figura parental a maior responsável na manutenção da proximidade e protecção da criança. Se as condições ambientais forem favoráveis e as interacções repetidas da figura parental com a criança forem ao encontro das necessidades do bebé vai ser possível estabelecer, gradualmente, padrões de interacção estáveis com uma figura particular, que vão facilitar a passagem para a fase seguinte. Caso contrário, em condições ambientais muito adversas, esta fase pode prolongar-se por muito mais tempo do que os três meses.

2.^a fase - **orientação e sinais dirigidos para uma (ou mais) figura(s) discriminadas** (Soares, 1996) - **dos três aos seis meses de idade** – vai ser caracterizada por uma emergência gradual de **comportamentos de vinculação**. À medida que o

tempo passa, o bebé começa a mostrar preferência pelo contacto com os seus cuidadores principais, dirigindo-lhes comportamentos de vinculação (e.g., chora para a mãe), mas também de sociabilidade em geral (e.g., sorri e vocaliza preferencialmente para a mãe). Da mesma forma, é-lhe agora possível, iniciar muitos comportamentos com vista à interacção com a figura parental o que lhe traz maior responsabilidade na manutenção da proximidade com a figura de vinculação.

3.^a fase - **manutenção da proximidade com uma figura discriminada através da locomoção e de sinais** (Soares, 1996) – **dos 6 aos 24 meses** – é a fase de consolidação da relação de vinculação. Considera-se que, embora na etapa anterior, o bebé já demonstre clara preferência por certas figuras através de comportamentos que lhe são dirigidos preferencialmente (i.e., os comportamentos de vinculação) ou que as ditas figuras demonstram superior capacidade para acalmar a criança, é nesta fase que se dão grandes mudanças organizacionais no bebé (e.g., desenvolvimento da locomoção e competências cognitivas) que vão ter um impacto determinante no estabelecimento do sistema comportamental de vinculação (Marvin & Britner, 1999, cit in Martins, 2007). Neste momento do desenvolvimento, vai ser possível identificar a presença da relação de vinculação formada com figuras específicas, de forma indubitável, pela presença de certas características que lhe são definidores, nomeadamente dos fenómenos de base segura e refúgio de segurança descritos acima, bem como de um novo tipo de controlo do sistema comportamental de vinculação, denominado de **sistema comportamental corrigido por objectivos** (Bowlby, 1969/1982). Este vai possibilitar uma maior flexibilidade comportamental para a manutenção da proximidade desejada ao cuidador, permitindo que a criança acomode a sua estratégia às contingências do momento presente, bem como a especificação da organização do sistema em função de um cuidador particular (i.e., padrões de vinculação), adaptando a sua estratégia às expectativas desenvolvidas em relação ao comportamento de cuidados esperado da figura de vinculação (Martins, 2007).

2.4.1. Os padrões de vinculação

O estudo do apego ou da vinculação teve seu início marcado por uma pesquisa sobre as origens do desenvolvimento psicopatológico, na infância e na idade adulta, realizada por John Bowlby, na Clínica Tavistock (Inglaterra). O objectivo de Bowlby foi, desde o início, compreender as possíveis influências adversas no desenvolvimento da personalidade, quando se dá a falta de cuidados maternos adequados durante os primeiros anos de vida - quando as crianças são separadas daquelas pessoas que lhe são familiares e lhe fornecem apoio emocional. Fundamentada nas teorias da etiologia e da evolução, a teoria da vinculação de Bowlby (1969) foi estruturada sobre o conceito da existência de um sistema comportamental que regula os comportamentos de busca por proximidade e a manutenção de contacto da criança com indivíduos específicos que venham a fornecer segurança física ou psicológica.

Bowlby (1985) refere que o vínculo da criança com sua mãe é um produto da actividade de um certo número de sistemas comportamentais que têm a proximidade com a mãe como resultado previsível. Tal enunciado é facilmente verificável ao se observar uma criança no segundo ano de vida, quando se move para alcançar a mãe na presença de circunstâncias ameaçadoras.

O sistema de vinculação, assim, é um sistema comportamental independente semelhante a outros sistemas comportamentais como o alimentar-se, a busca da satisfação das necessidades fisiológicas e a exploração do ambiente. Desta forma, os comportamentos de vinculação objectivam a busca de proximidade com as figuras de apego para a obtenção de segurança e apoio psicológico quando necessário – características básicas para a sobrevivência.

A teoria propõe então a existência de três estilos gerais referentes às sensações experimentadas na activação do sistema comportamental de apego em função da disponibilidade materna – o apego seguro, o inseguro-evitante e o inseguro-ambivalente (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

A vinculação precoce (0-3 anos) é um comportamento inato dos primatas e em particular dos humanos. Neste sentido, desde o nascimento e ao longo do primeiro ano de vida, o bebé começa a estabelecer uma relação privilegiada com o adulto que lhe proporciona cuidados básicos e desse modo, assegura a sua sobrevivência. Ao realizar

com regularidade essas funções o adulto tenderá a tornar-se uma figura de vinculação. Será capaz de proporcionar uma base de segurança quando o bebé revela algum tipo de desconforto nomeadamente mal-estar ou medo. Depreende-se desta forma que a relação de vinculação poderá ser compreendida na medida em que o adulto seja capaz de garantir um ambiente seguro a um ser que procura protecção e que a percebe no outro. Trata-se pois duma relação assimétrica. Ainsworth (1978) clarificou este conceito com base nos seguintes critérios:

- É persistente e não transitória;
- Envolve uma figura específica e reflecte uma atracção que um indivíduo tem por outro indivíduo;
- Trata-se de uma relação emocionalmente significativa;
- O indivíduo deseja manter a proximidade ou contacto com essa figura, ainda que tal possa variar em função de vários factores, como a idade, o estado do indivíduo ou as condições do meio;
- O indivíduo sente uma certa perturbação face a uma situação de separação involuntária e, sobretudo quando deseja a proximidade e tal não lhe é possível.

A protecção baseia-se, essencialmente, na proximidade física e no contacto entre a mãe e o bebé nos primeiros anos de vida. Os comportamentos de vinculação têm por objectivo promover a proximidade e segurança nomeadamente o sorriso e a vocalização e mais tarde o agarrar e gatinhar visam o estabelecimento do laço ou vínculo.

A relação de vinculação distingue-se das outras relações sociais por quatro características:

- Reacções marcadas perante a separação involuntária;
- Sentimento de segurança;
- Comportamento de refúgio;
- Procura de proximidade.

2.4.2. Paradigma da Situação Estranha

A situação estranha criada por Ainsworth e al (1978), consiste numa série de episódios de três minutos cada (duração total de 20 minutos), onde as crianças de um ano de idade, são observadas numa sala com brinquedos, sendo a sala estranha e, para além disso na presença de adultos que lhe são desconhecidos. O objectivo deste estudo era perceber o comportamento da criança quando a mãe se ausentava, como refere Bowlby (1989) a situação estranha é um poderoso indicativo da qualidade da relação experimentada pela criança com a sua mãe, após breve ausência, o modo como responde quando a mãe regressa.

Padrões de Vinculação

Padrão de Vinculação Seguro:

Ainsworth et al. (1978) descrevem um conjunto de crianças caracterizadas pela procura activa de proximidade e interacção com a figura de vinculação, bem como de manutenção do contacto físico, quando este é obtido, sobretudo nos episódios de reunião (i.e., utilização da mãe como refúgio seguro). Na presença da mãe, esta é capaz de explorar o ambiente, observando-se comportamentos de base segura como partilha de afecto à distância. A vinculação segura proporciona à criança uma maior disponibilidade de fazer mais aprendizagens, uma vez que se sente segura, a criança canaliza a sua energia psíquica para a exploração do meio que a rodeia.

A mãe é a base de segurança para a exploração do ambiente (separa-se para brincar, partilha emoções enquanto brinca, estabelece relações com o estranho, na presença da mãe conforta-se rapidamente após situação indutora de stress.

Existe uma procura activa de contacto e de interacção após o reencontro, quando agitada procura imediatamente o contacto e este põe fim à agitação, quando não está agitada, mostra-se satisfeita por ver a sua mãe e dá início à interacção.

As mães de crianças seguras revelam-se empáticas face às necessidades da criança, sendo que identificam os sinais da criança e reagem pronta e adequadamente à sinalização. Avaliam o cuidado a prestar à criança, principalmente, em função da

situação e do temperamento da criança. São por norma mães disponíveis, carinhosas e cooperantes.

A criança utiliza a mãe como base de segurança a partir da qual explora o meio.

A criança chora com pouca frequência no entanto, nos momentos de separação mostra-se perturbada e não é reconfortada por outras pessoas.

Nos reencontros com a mãe, a criança saúda-a activamente, sinaliza-a e procura o contacto com ela.

Existe equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e de exploração.

Padrão de Vinculação Insegura/Ambivalente:

A criança permanece junto da mãe, aparenta alguma ansiedade e explora pouco o meio. Nos momentos de separação a criança mostra-se muito perturbada. Nos reencontros com a mãe o comportamento da criança pode alternar, entre tentativas de contacto e contacto com sinais de rejeição (empurrar, pontapés...). Após o reencontro com a mãe, a criança fica vigilante. Os comportamentos de vinculação predominam face aos comportamentos exploratórios.

Padrão de Vinculação Insegura/Evitante:

Neste padrão de vinculação, verifica-se uma baixa partilha de afectos, a criança estabelece relações com o estranho. Há também um evitamento activo em relação à mãe após o encontro com ela, olha para outro lado, movimenta-se noutra direcção ignorando mas não evitando o estranho.

A criança permanece mais ou menos indiferente quanto à proximidade da mãe e entrega-se à exploração do meio.

Na ausência da mãe a criança pode chorar ou não e, se ficar perturbada é provável que outras pessoas a consigam reconfortar.

Nos reencontros com a mãe, a criança desvia o olhar e evita o contacto com ela.

Os comportamentos exploratórios prevalecem face aos comportamentos de vinculação.

Vinculação Desorganizada:

É um comportamento que não exibe uma conduta passível de ser classificada dentro das três tipologias, mas que exibe uma versão mais desorganizada de um dos tipos de vinculação. Estas crianças no procedimento de Situação Estranha foram classificadas por demonstrar comportamentos contraditórios, movimentos e expressões incompletas ou indirectas, comportamentos estereotipados e movimentos assimétricos denotando-se uma conduta característica de desorganização e de desorientação. Existe uma suspeita de que este tipo de vinculação seja fruto da influência do comportamento das mães, demasiadamente preocupadas com alguma situação de luto em relação a uma figura de vinculação que tenha sido perdida durante a infância da mãe ou com traumas associados aos relacionamentos de vinculação e que envolvem algum tipo de abuso físico ou sexual. Como diz Nabuco de Abreu (2005), em vez de esses pais terem “criado” os seus filhos, esperam que os filhos lhes dêem conforto e contacto. Isto é o inverso do que seria esperado.

Em síntese acerca da teoria da vinculação, Brazelton (1988) diz-nos que o mais puro sinal de vinculação é a capacidade de enfrentar a separação, nos estágios apropriados do desenvolvimento da criança. Isto é muito importante para a sua capacidade de agir por si mesmo e de aprender sobre a excitação da autonomia. As aquisições autónomas são a base para a confiança do bebé em si mesmo.

Segundo Bowlby (1998), cada indivíduo constrói modelos do mundo e dele próprio a partir dos quais ele percebe e interpreta os acontecimentos, prevê o futuro e constrói os seus planos.

3. VINCULAÇÃO NA CRECHE

Para Carvalho, Sales e Guimarães (2002) a chegada das crianças à creche é sempre um factor de ansiedade para todos. Crianças, pais e educadores devem ter um cuidado especial com o período de adaptação, sendo extremamente importante, para garantir um atendimento de qualidade capaz de propiciar condições adequadas para um desenvolvimento integral e sadio das crianças do ponto de vista social e emocional.

As crianças podem ter reacções diferentes durante a adaptação dependendo de factores como a idade, o relacionamento com os pais, a expectativa da família em relação à escola e principalmente a forma de organização desse momento pela escola e pelo educador.

As crianças até aproximadamente seis meses, em geral não apresentam muitos problemas de adaptação. Mas para além dos seis meses até por volta dos vinte e quatro meses de idade as crianças apresentam reacções de choro, resistem à separação dos pais, demonstram reacção aos estranhos quando estão com pessoas ou em situações diferentes das que lhes são familiares.

Além dessas reacções, é comum as crianças apresentem modificações nos seus comportamentos como alterações de sono e resistência à alimentação, não querem ficar na sala, apegam-se a qualquer coisa como por exemplo a fralda, a chupeta, a um amigo ou um brinquedo.

Por volta dos três anos, estas reacções de situação estranha, costumam diminuir, pois as crianças interagem mais facilmente nas brincadeiras com os colegas.

A maneira como a família vê a entrada da criança para a creche tem muita influência nas emoções e reacções das crianças durante o período de adaptação.

Com o objectivo de facilitar a adaptação, a creche deve propor-se a organizá-la de acordo com a necessidade de cada bebé. No primeiro dia da criança na creche a atenção do educador deve estar voltada para ela de maneira especial. Esse processo pode demorar dias e até meses, e deve ser considerado como um momento de conhecimento e de construção dos vínculos com a equipa pedagógica da creche e entre a creche e a família.

A creche instaura uma mudança de referenciais, na qual o bebé pode, desde muito cedo, conviver com diversos parceiros de interacção. Uma relação

exclusiva/diádica dá lugar a um contexto múltiplo de cuidados, onde a mãe continua a ter uma importância vital, mas onde pode partilhar o desenvolvimento do seu bebé.

A criança, nos primeiros anos de vida, tem deixado de ser criada exclusivamente no núcleo familiar, onde os adultos são as figuras mais constantes e representativas, para serem cuidadas e educadas em locais onde os parceiros mais comuns de interacção são outras crianças. Nesse sentido, acreditamos ser extremamente importante investigar a representatividade que essa instituição tem alcançado no cenário actual. O bebé e as suas experiências precoces de socialização, nos diversos espaços pelos quais ele circula, têm sido focalizados de forma mais convergente, apontando para a importância do olhar sobre a primeira infância numa perspectiva contextual e sociocultural.

Partimos da hipótese de que a situação de entrada na creche, e com ela, a introdução de novos objectos, parceiros e rotinas, bem como de novos sentimentos para mãe e bebé, instaura uma nova forma de organização da díade. Dessa forma, a entrada na creche apresenta-se como um importante processo onde podem ser focalizados aspectos sobre o desenvolvimento desse bebé e da relação entre os parceiros envolvidos.

A teoria da vinculação, formulada por vários autores como Spitz, (1945), Harlow, (1976), Bowlby (1974), e Ainsworth et al. (1978, 1982), vem afirmar que através da relação estreita que se estabelece entre a mãe e a criança que esta é capaz de alargar e desenvolver futuras relações com outras crianças e adultos logo, a entrada para a creche, onde existem crianças e adultos (profissionais de creche), pode dar continuidade ao seu desenvolvimento a nível social (Portugal 1998).

Como refere Portugal (1993), vários autores concluem que a qualidade dos cuidados prestados à criança, tanto em casa como na creche, parece ser determinante e não tanto o tipo de acolhimento (em casa, na creche, na ama, com a empregada, etc.) como inicialmente se pensou. Outras variáveis, como o temperamento da criança, experiências de separação, atitudes e valores educativos da família, sexo da criança, etc., parecem ter uma influência importante.

Portugal (1998) refere alguns estudos que concluem que a permanência numa creche de boa qualidade, além de não influenciar negativamente a relação de ligação à mãe, promove o desenvolvimento social da criança. As crianças que permaneceram mais tempo na creche tem comportamentos diferentes, como por exemplo desenvolvem

mais jogos interactivos e cooperativos, tem mais afectos positivos e interacções verbais mais positivas do que as que permanecem pouco tempo.

3.1. O PAPEL DO EDUCADOR NA CRECHE

O papel dos adultos na creche não é o de forçar o desenvolvimento, mas garantir que as experiências e rotinas diárias da criança lhe transmitam segurança emocional e encorajamento, sendo fundamental para aprender ao longo da sua vida. A aprendizagem ocorre desde o nascimento e ao longo de toda a vida, é importante que nos primeiros anos de vida exista a preocupação de promover um desenvolvimento global da criança, em vez de ser só pensado exclusivamente nos cuidados básicos, logo o papel do educador e da creche é fundamental (Portugal, 1998).

A ligação da criança ao educador pode influenciar a sua adaptação, tanto a nível emocional como a nível social, quando a criança chega à creche. As ligações da criança ao educador são diferentes das ligações da criança à mãe ou ao pai, mesmo quando a criança tem relações inseguras no seio familiar, podem desenvolver uma relação segura com o educador (Portugal, 1998).

Para Kramer (1999) é o educador que interage com a criança no dia-a-dia do espaço de educação infantil, é fundamento para garantir a desejada qualidade de atendimento. Qualidade, que vai contribuir para a formação da sua cidadania (como indivíduos críticos, criativos, autónomos, responsáveis, cooperativos, participantes).

O educador da creche tem uma função muito importante em relação às crianças, pois está em contacto com elas e esse contacto é directo (Lipp, 2002). O profissional da creche deve ter uma postura afectiva, acolhedora, como o de uma mãe, capaz de alimentar, mudar as fraldas, impor limites, dar carinho, estimular as áreas de desenvolvimento para que a criança se desenvolva como um todo.

Continuando com Lipp (2002), a creche é o primeiro ambiente social onde a criança, ainda pequenina se insere, e é neste primeiro momento de separação da mãe, que o educador tem um papel fundamental no seu acolhimento pois é a substituta da mãe nesse momento. Ambiente esse, propício para a interacção entre crianças da mesma idade, e é nessa relação entre elas que passa a haver uma promoção de trocas

construtivas. O relacionamento inicia-se com a troca corpo a corpo, olhar, sorriso, toque e interacção corporal mais aproximado ao jogo paralelo, sem cooperação e vai evoluindo para acções em conjunto até chegar ao jogo cooperativo.

Ao considerar que a criança tem competências para estabelecer e marcar as relações sociais com os seus pais e com outras crianças, o educador deve usar diferentes formas de relacionamento com elas. O educador deve interagir de uma forma lúdica, onde a interacção é bidireccional ou multidireccional, neste sentido existe o carácter lúdico que transmite o prazer, o envolvimento, a exploração e a descoberta do mundo exterior que a rodeia (Aragão, 2004).

Segundo Aragão (2004) o educador não impõe, ele actua com a criança mas com uma habilidade capaz de criar situações de jogo, que progressivamente são mais complexas e desafiadoras, nas quais as crianças sentem prazer. Na interacção lúdica, o educador procura identificar-se o mais possível com a criança e brinca com ela como se fosse também ele, uma criança. Na relação com as crianças o educador deve estar ao nível da criança, ao alcance da sua visão e da sua compreensão, deve ser capaz de encontrar significado nas suas manifestações, atribuindo significados e dando respostas.

O educador não é pai nem mãe da criança, ele tem um papel distinto, caracterizado pelo saber profissional, a experiência, o conhecimento da situação e das possibilidades de desenvolvimento do jogo que irá abrir novas perspectivas para a criança (Aragão, 2004).

Para Brazelton (1988), se os educadores substitutos pretendem promover a ligação da criança à mãe e vice-versa, e não tanto sublinhar a separação, devem dar uma atenção constante ao estado de desenvolvimento e características individuais do bebé e dos pais (Portugal, 1998).

4. COMPONENTE EMPÍRICA

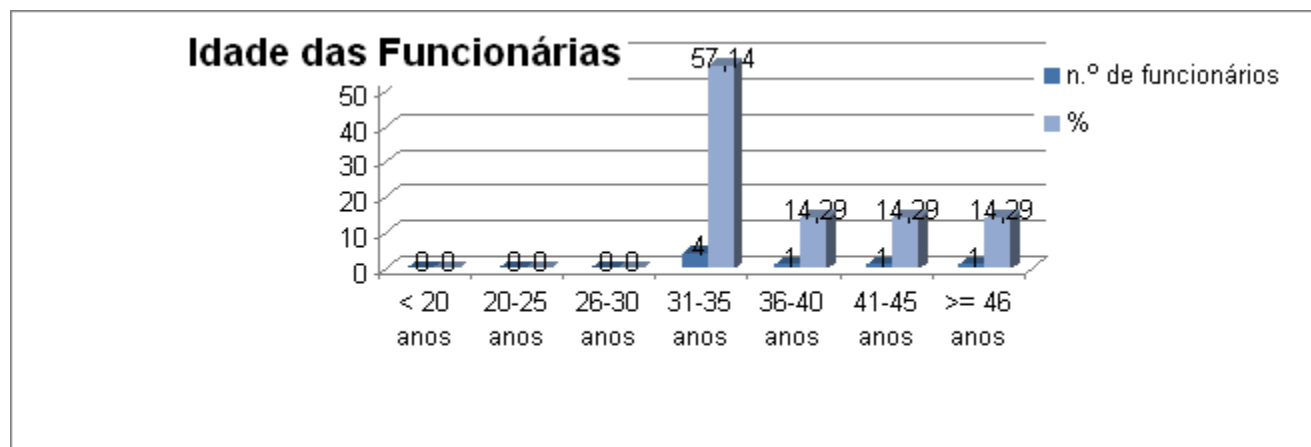
A componente empírica retrata o estudo da adaptação da criança à creche, recorrendo a uma metodologia quantitativa, conforme se explicita no quadro 5. De seguida caracteriza-se a amostra utilizada, seleccionada aleatoriamente e tendo em conta a disponibilidade dos sujeitos para participarem no estudo. Apresentam-se os instrumentos utilizados e os resultados obtidos, efectuando a respectiva análise.

4.1. CONTEXTUALIZAÇÃO/POPULAÇÃO/AMOSTRA

A amostra é constituída por 7 funcionárias de uma creche de uma IPSS e por 10 mães, cujos filhos estão a frequentar a mesma creche.

a) Funcionárias

Gráfico 1 - Caracterização da amostra em função da variável idade



Do total de funcionárias da creche da amostra, 4 têm entre os 31 e os 35 anos de idade, 1 tem entre 36 e 40 anos, 1 tem entre 41 e 45 anos e 1 tem 46 anos ou mais, o que corresponde, na primeira a 57% e a 14% para as restantes.

Quadro 1 - Caracterização da amostra em função da variável Género

Género	n.º de funcionárias	%
Feminino	7	100
Masculino	0	0
Total	7	100

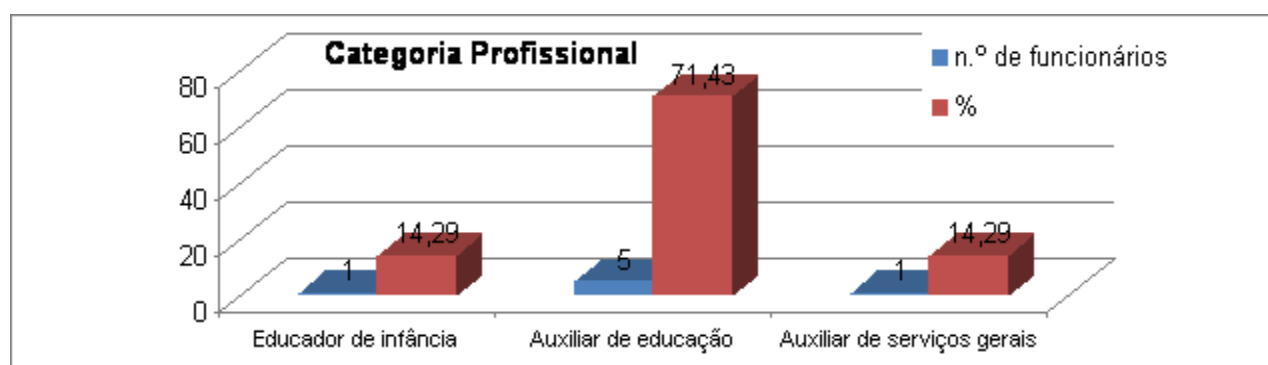
100% dos respondentes são do sexo feminino. Tal não é surpreendente, pois na maioria dos funcionários de qualquer creche são mulheres.

Quadro 2 – Caracterização da amostra em função da variável Escolaridade

Escolaridade	n.º de funcionários	%
analfabeto	0	0
S/ escolaridade (lê/escreve)	0	0
1º ciclo	1	14,29
2º ciclo	0	0
3º ciclo	0	0
11º ano	1	14,29
12º ano	1	14,29
curso profissional	3	42,86
licenciatura/bach	1	14,29
mestrado	0	0
doutoramento	0	0
outro	0	0
total	7	100

Do total de funcionárias, 1 tem o 1º ciclo de escolaridade, 1 tem o 11º ano, 1 tem o 12º ano, 1 tem licenciatura e 3 têm curso profissionais. Destes 3, 1 tem o 3º ciclo, 1 tem o 11º ano e 1 tem o 12º ano.

Gráfico 2 - Caracterização da amostra em função da variável Categoria Profissional



Relativamente à categoria profissional, podemos verificar que 71,4 % dos respondentes são auxiliares de educação, 1 é educador de infância e 1 é auxiliar de serviços gerais (limpeza).

Quadro 3 - Caracterização da amostra em função da variável Tempo de serviço total

Tempo de serviço Total	n.º de funcionários	%
< 5 anos	2	28,57
5-10 anos	3	42,86
11-15 anos	1	14,29
16-20 anos	0	0
> 20 anos	1	14,29
Total	7	100

Uma grande parte (43%) das funcionárias respondentes têm entre 5 e 10 anos de serviço, 29% têm menos de 5 anos de serviço e 14% tem entre 11 e 15 anos e outros 14% tem mais de 20 anos.

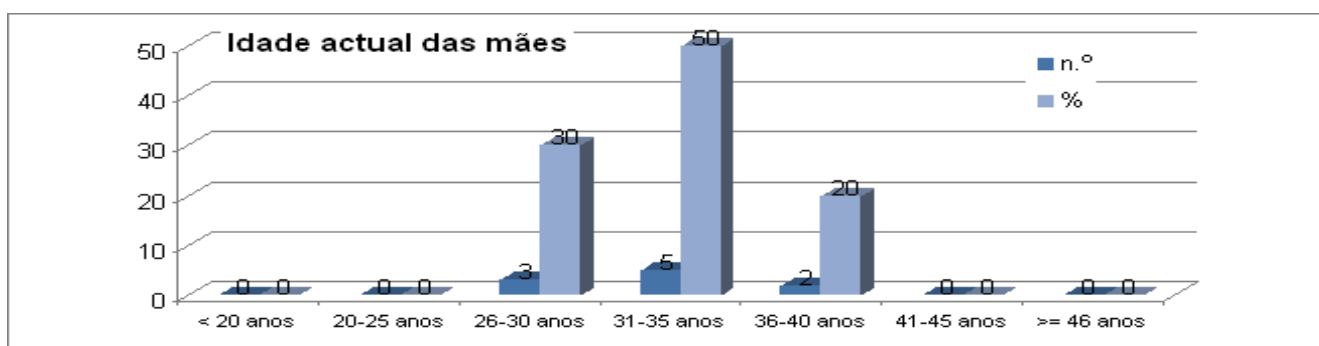
Quadro 4 - Caracterização da amostra em função da variável Tempo de serviço em creche

Tempo de serviço em creche	n.º de funcionários	%
< 5 anos	5	71,43
5-10 anos	2	28,57
> 10 anos	0	0,00
Total	7	100

A maioria (71%) das funcionárias respondentes têm menos de 5 de serviço em creche, 29% têm entre 5 e 10 anos de serviço em creche.

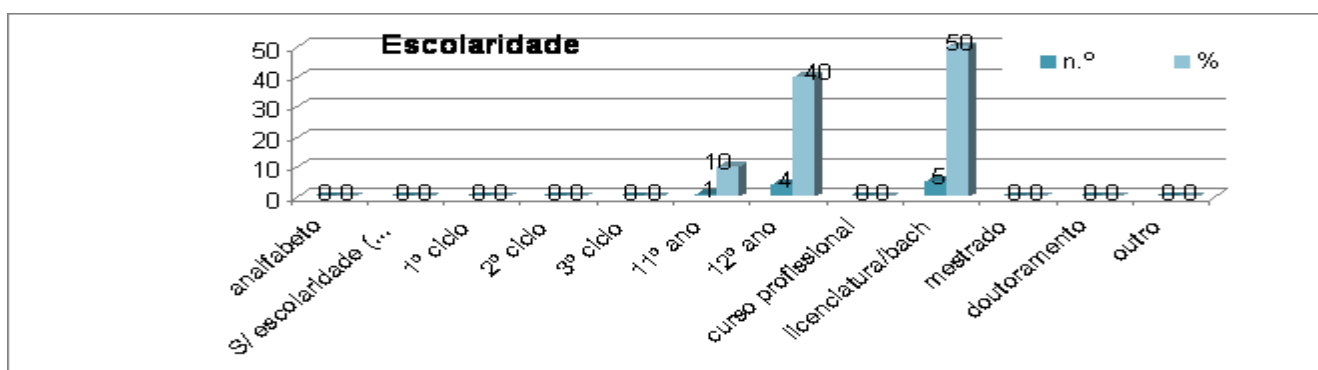
b) Mães

Gráfico 3 - Caracterização da amostra em função da variável Idade actual



Do total de mães da amostra, 5 têm entre os 31 e os 35 anos de idade, 3 têm entre 26 e 30 anos, 2 têm entre 36 e 40, o que corresponde, a 50%, a 30% e a 20 %, respectivamente.

Gráfico 4 - Caracterização da amostra em função da variável Escolaridade



Do total de mães, 1 (10%) em o 11º ano de escolaridade, 4 (40%) têm o 12º ano, e 5 (50%) têm licenciatura

4.2. INSTRUMENTOS E MÉTODOS DE RECOLHA DE DADOS

Esta investigação foi desenvolvida com base na elaboração e aplicação de 2 questionários: a) um aplicado às funcionárias de uma creche (anexo I); b) um questionário destinado aos pais das crianças dessa creche (anexo II). O estudo implicou ainda a observação das crianças em contexto real de creche. Para tal elaborou-se uma grelha de observação (consultar anexo III). As observações foram realizadas no início do ano lectivo aquando da entrada das crianças na creche, em 3 momentos distintos, com intervalos de uma semana.

Apesar do recurso a questionários e checklists, instrumentos frequentemente utilizados na investigação de carácter quantitativo, o presente estudo assume-se qualitativo, uma vez que os objectivos prendem-se essencialmente com a exploração e caracterização de comportamentos e recorre a uma amostra de conveniência, não podendo ser generalizáveis à população em geral.

Quadro 5 - Estratégia metodológica

METODOLOGIA QUALITATIVA			
Técnica utilizada	Questionário - anexo I e II (recolha de 17 questionários considerados válidos)		Checklist de observação - anexo III (3 observações de cada criança, totalizando 30 registos)
Objectivo	Funcionárias	Mães	Caracterizar o comportamento de adaptação à creche por parte das crianças
	Caracterizar as estratégias e comportamentos das funcionárias para facilitar adaptação das crianças	Caracterizar a criança e o seu comportamento	
Aplicação	Distribuição dos questionários e recolha no dia seguinte.		Observação semanal, de cada criança (1 por criança em cada semana), em Outubro
Resultados	Funcionárias	Mães	Caracterização dos comportamentos de adaptação das crianças à creche
	Estratégias e comportamentos das funcionárias para facilitar adaptação das crianças	Historial da criança e comportamento reactivo da criança	

O tratamento de dados foi efectuado utilizando a estatística descritiva (para caracterização da amostra e da análise percentual de respostas) e estatística indutiva (correlação de variáveis), com recurso ao EXCEL e ao SPSS (versão 15).

4.3. ANÁLISE DE DADOS E RESPECTIVAS CONCLUSÕES DO TRABALHO EMPÍRICO

Os resultados, ainda que posteriormente sejam analisados de forma integrada, são provenientes de diferentes fontes (funcionários da creche, mães e observação das crianças), pelo que se vão apresentar separadamente.

a) Resultados dos questionários aplicados às funcionárias

Quadro 6 - Caracterização das funcionárias em função da idade das crianças com que trabalham

Idade das crianças com que trabalham	n.º de funcionários	%
4-12 meses	2	28,57
12-24 meses	1	14,29
24-36 meses	2	28,57
4-36 meses	2	28,57
Total	7	100

Do total de funcionárias da creche da amostra, 2 trabalham com crianças dos 4 aos 12 meses de idade, 1 trabalha com crianças dos 12 aos 24 meses, 2 trabalham com crianças dos 24 aos 36 meses e 2 trabalham com crianças de todas as idades da creche (4 aos 36 meses).

Quadro 7 - Caracterização das estratégias que as funcionárias utilizam para acalmar

Estratégias	n.º funcionários	%
Sorrir para a criança	5	71,43
Aproximar-se da criança e tentar pegar ao colo	1	14,29
Falar com a criança	4	57,14
Distrair a criança com algo	2	28,57
Falar com a criança sobre um amigo que está à sua espera	2	28,57
Levar a criança para outro local para acalmar	2	28,57
Brincar com a criança	5	71,43
Total	7	100

A maioria das funcionárias considera que a estratégia para facilitar a adaptação da criança à creche é sorrir para a criança (71%) e brincar com a criança (71%). 57% das funcionárias consideram melhor falar com a criança, 29% consideram distrair a criança com algo, falar sobre um amigo e levar a criança para outro local. Apenas 14% considera como estratégia aproximar-se da criança e tentar pegar ao colo.

Quadro 8 - Caracterização dos comportamentos das funcionárias

Comportamentos	n.º funcionários	%
Acalmar a criança	4	57,14
Brincar com a criança	4	57,14
Distrair a criança	2	28,57
Pegar na criança	6	85,71
Falar com a criança	3	42,86
Prometer telefonar	0	0
Levar a criança à janela para dizer adeus	0	0
Passear a criança pelas outras salas	1	14,29
Dizer à criança que o pai vem mais cedo	1	14,29
Total	7	100

A maioria das funcionárias considera que o comportamento para facilitar a adaptação da criança à creche é pegar na criança (86%) e brincar com a criança (57%) e acalmar a criança (57%). 43% das funcionárias consideram melhor falar com a criança, 29% consideram distrair a criança, 14% consideram passear a criança e 14% dizer à criança que o pai vem mais cedo.

Pelos resultados da variável estratégia e da variável comportamento, pode-se verificar que estão em relativa consonância, ou seja, a estratégia "brincar com a criança" e o comportamento "brincar com a criança" foram referidos por 73% e 57% respectivamente.

b) Resultados dos questionários aplicados às mães

Quadro 9 - Caracterização das crianças quanto ao género

Género das crianças	n.º	%
Feminino	6	60
Masculino	4	40
Total	10	100

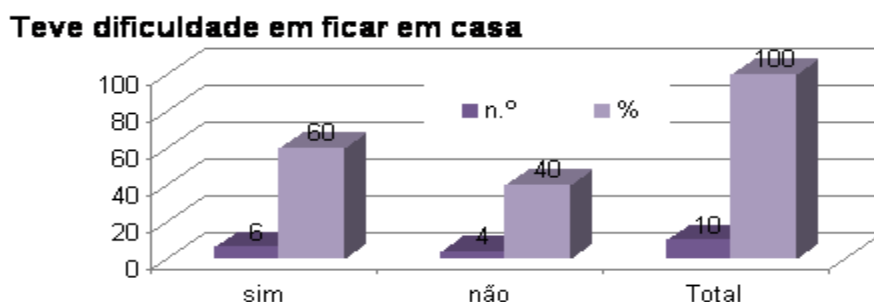
60% das crianças são do género feminino e 40% são do masculino.

Quadro 10 – Caracterização da idade das crianças aquando da entrada para a creche

Idade das crianças na entrada creche	n.º	%
4 meses	0	0
5 - 8 meses	4	40
9 - 12 meses	1	10
1 ano e 1 ano e meio	2	20
1 ano e meio e 2 anos	1	10
2-3 anos	2	20
Total	10	100

Do total de mães que responderam ao questionário, 4 das crianças entraram para a creche com 5 a 8 meses de idade, 2 entraram com 1 ano e 1 ano e meio, 2 com 2 a 3 anos, 1 com 9 a 12 meses e 1 criança com 1 ano e meio a 2 anos.

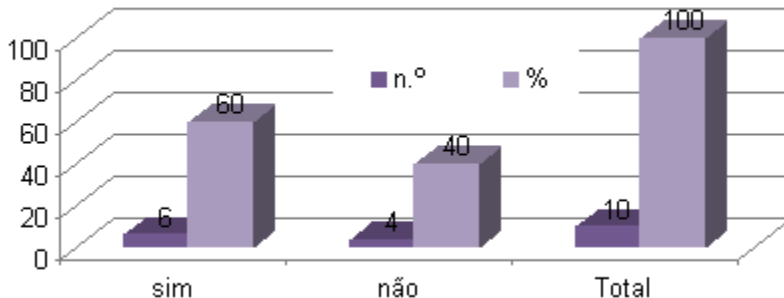
Gráfico 5 - Caracterização do número de crianças com dificuldades na entrada da creche



Pela leitura do gráfico 5 podemos verificar que 60% das crianças apresentaram dificuldades em ficar na creche e 40% não.

Gráfico 6 - Caracterização do número de crianças que actualmente têm dificuldades

Actualmente tem dificuldade em ficar



Pela leitura do gráfico 6 podemos verificar que 70% das crianças já não apresentaram dificuldades em ficar na creche e 30% ainda têm dificuldades em ficar na creche.

Como já foi referido anteriormente, foram levadas a cabo 3 observações de cada criança no início do ano lectivo, com base na verificação de uma checklist elaborada para o efeito. Os resultados de frequência de cada comportamento, em cada uma das observações, são descritos no quadro 11.

Quadro 11 - Frequência dos comportamentos de adaptação da criança à creche nos 3 momentos de adaptação

Comportamentos	Frequência	Porcentagem		
		Observação 1	Observação 2	Observação 3
Chora	Frequentemente	30	30	30
	Às vezes	60	50	30
	Nunca	10	20	40
Ri	Frequentemente	40	50	70
	Às vezes	50	50	30
	Nunca	10	0	0
Fica bem disposta	Frequentemente	40	50	60
	Às vezes	50	50	40
	Nunca	10	0	0
Fica triste	Frequentemente	20	20	10
	Às vezes	70	60	70
	Nunca	10	20	20
Esconde-se atrás do pai/mãe	Frequentemente	20	20	0
	Às vezes	30	20	40
	Nunca	50	60	60
Bate no pai/mãe	Frequentemente	0	0	0
	Às vezes	0	0	0
	Nunca	100	100	100
Chama pelos pais	Frequentemente	10	10	10
	Às vezes	60	60	60
	Nunca	30	30	30
Recusa-se a entrar	Frequentemente	20	20	10
	Às vezes	20	10	20
	Nunca	60	70	70
Recusa a alimentar-se	Frequentemente	20	10	0
	Às vezes	30	30	30
	Nunca	50	60	70
Recusa-se a fazer a sesta	Frequentemente	10	0	0
	Às vezes	20	30	10
	Nunca	70	70	90
Não quer a chupeta	Frequentemente	0	0	0
	Às vezes	40	20	40
	Nunca	60	80	60
Anda sempre de chupeta	Frequentemente	10	0	0
	Às vezes	60	70	60
	Nunca	30	30	40
Vira a cara ao adulto	Frequentemente	10	0	0
	Às vezes	10	20	0
	Nunca	80	80	100
Procura o adulto	Frequentemente	10	10	10
	Às vezes	90	80	90
	Nunca	0	10	0

Comportamentos	Frequência	Porcentagem		
		Observação 1	Observação 2	Observação 3
Atira-se para o chão	Frequentemente	0	0	0
	Às vezes	10	0	0
	Nunca	90	100	100
Atira objectos para o chão	Frequentemente	0	0	0
	Às vezes	60	60	80
	Nunca	40	40	20
Recusa o amigo	Frequentemente	10	0	0
	Às vezes	30	60	30
	Nunca	60	40	70
Procura o amigo	Frequentemente	20	10	20
	Às vezes	40	60	50
	Nunca	40	30	30

No que diz respeito aos comportamentos “negativos” de adaptação da criança à creche, nomeadamente o choro e o estado de tristeza, verificou-se que progressivamente foram diminuindo ao longo dos 3 momentos de observação. Por exemplo, conforme se verifica no quadro 11, o comportamento “choro” diminuiu percentualmente ao longo dos 3 momentos de observação, ou seja, aumentou o número de registos dos que nunca choram, de 10% (1º momento de observação) para 40% (3º momento de observação). Os registos do choro frequente mantiveram-se inalterados.

Em relação aos comportamentos “positivos” de adaptação da criança à creche, rir, não querer a chupeta, ficar bem disposta e procurar o amigo, verifica-se o aumento progressivo na sua frequência, à excepção do “não querer a chupeta”, pois todas as crianças observadas manifestavam interesse na chupeta. Por exemplo, o comportamento “rir frequentemente” aumentou de 40% (1º momento de observação) para 70% (3º momento de observação). Os registos de “nunca rir” diminuíram de 10% para 0%.

No sentido de testarmos a diferença entre as três observações, procedeu-se ao teste não paramétrico para amostras dependentes *Friedman Test*. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os 3 momentos de observação.

4.4. Análises de Correlação entre as variáveis em estudo

Este conjunto de análises teve por objectivo determinar associações simples entre as variáveis em estudo, tendo sido calculados coeficientes de correlação momento produto de Spearman.

Por uma questão de organização optámos por apresentar este conjunto de análises em três blocos distintos, nomeadamente um primeiro bloco onde apresentamos a relação entre a dificuldade apresentada pelas crianças aquando da entrada na creche e as características da mãe e da própria criança, um segundo bloco de análises onde apresentamos a relação entre as características dos pais e a adaptação das crianças à creche e um terceiro bloco de análises onde apresentamos a relação entre as características dos profissionais da creche e a adaptação das crianças à creche.

4.4.1. Relação entre as dificuldades de adaptação à creche e as características das mães e da própria criança

Relativamente às características das mães podemos verificar que apenas a idade da mãe parece associar-se à dificuldade de adaptação da criança na entrada para a creche. Assim pudemos verificar uma associação positiva estatisticamente significativa entre a idade da mãe e a dificuldade da criança na entrada na creche, sendo uma associação alta (R de Spearman¹(r) = 0,69). Assim, podemos dizer que, quanto mais idade tem a mãe, maior a dificuldade da criança na entrada para a creche.

¹ $r < 0,2$ = associação muito baixa; $0,3 < r < 0,2$ = associação baixa; $0,69 < r < 0,4$ = associação moderada; $0,89 < r < 0,7$ = associação alta; $1 < r < 0,9$ = associação muito alta (Pestana & Gageiro, 2000, p. 146).

Quadro 12 - Correlação entre as dificuldades de adaptação à creche e as características das mães e da própria criança

	Idade mãe	Idade da criança na entrada para a creche
Dificuldades de adaptação na entrada para a creche	.69*	-.70*

†p<.10; *p<.05; **p<.01; ***p<.001

Verifica-se ainda uma associação negativa moderada estatisticamente significativa entre a idade da criança aquando da entrada para a creche e as dificuldades de adaptação a este contexto. Assim, podemos dizer que quanto mais precoce for a criança na entrada para a creche menores serão as dificuldades de adaptação manifestas.

4.4.2. Relação entre as características das mães e os comportamentos actuais de adaptação das crianças à creche

Sendo os comportamentos actuais de adaptação das crianças à creche compostos por uma lista extensa, optou-se por apresentar apenas aqueles que apresentam relações estatisticamente significativas.

Assim, e à semelhança do bloco anterior, apenas com para a idade das mães foram encontradas correlações estatisticamente significativas com os comportamentos actuais de adaptação das crianças à creche.

Quadro 13 - Correlação entre as características das mães e os comportamentos de adaptação da criança à creche

	Idade da mãe
Chora	.65*
Ri	.74**
Fica bem disposto	.74**
Vira a cara	.66*

†p<.10; *p<.05; **p<.01; ***p<.001

Como podemos verificar pela leitura do quadro 13, verifica-se uma associação positiva moderada entre a idade da mãe e os comportamentos *chorar* e *virar a cara*. Assim, podemos dizer que, quanto mais idade tiver a mãe mais a criança adoptará este comportamento na sua (re)entrada para a creche nos momentos iniciais de adaptação como reacção negativa. Por outro lado verifica-se uma associação positiva forte entre a idade da mãe e os comportamentos *rir* e *ficar bem disposto*. No “pólo positivo” de comportamentos de adaptação à creche podemos dizer que, as crianças com facilidade na adaptação terão mais comportamentos como rir ou ficar bem dispostas quanto mais idade tiverem as mães.

4.4.3. Relação entre as características dos profissionais e os comportamentos actuais de adaptação das crianças à creche

Apesar das variáveis referentes às características dos adultos da creche terem sido recolhidas através da elaboração de categorias, estas obedecem a uma ordem de grandeza crescente.

Assim sendo, pela leitura do quadro 14, podemos verificar uma associação negativa moderada com o comportamento *chamar pelos pais* e uma associação negativa alta com o comportamento *procura um amigo*. Assim, podemos dizer que quanto mais idade tem o adulto na creche em estudo menos a criança chama pelos pais no momento da separação mas, por outro lado, procura menos um amigo.

Quadro 14 - Correlação entre as características dos adultos da creche e os comportamentos de adaptação da criança à creche

	Idade	Escolaridade	Tempo total de serviço	Tempo de serviço em creche
Chama pelos pais	-.69*	-.85***	-	.91***
Não quer a chupeta	-	-	-	-
Atira objectos	-	.90***	.90***	-
Procura um amigo	-.72*	-	-	.73*

†p<.10; *p<.05; **p<.01; ***p<.001

No que respeita ao nível de escolaridade verificamos uma associação negativa alta com o comportamento *chamar pelos pais* e uma associação positiva alta com o comportamento *atirar objectos*. Assim, quanto mais formação apresenta o adulto na creche menos a criança tende a chamar pelos pais no momento da separação mas, por outro lado, tem maior tendência a reagir através de comportamentos como atirar objectos para o chão.

Quanto ao tempo total de serviço verificamos uma associação positiva alta com o comportamento *atira objectos*, indicando que quanto mais tempo de serviço total tem o adulto, mais a criança recorre a este comportamento.

Por fim, quanto ao tempo de serviço em creche, verificamos uma associação positiva muito alta com o comportamento *chama pelos pais* e uma associação positiva alta com o comportamento *procura um amigo*. Podemos assim dizer que, quanto mais experiência tem o adulto em contexto de creche mais a criança tende a adoptar estes dois tipos de comportamentos.

5. CONCLUSÕES

O tema abordado revelou-se de grande interesse e utilidade prática, no âmbito do trabalho desenvolvido em creche, pelo que se considera que foi atingido, desde logo um objectivo: a melhoria de atitudes na intervenção profissional em creche.

O desenvolvimento deste estudo permitiu o envolvimento dos pais das crianças e dos funcionários, o que se manifestou como um aspecto relevante.

A integração da teoria e da componente empírica permitiu-nos desenvolver competências a diferentes níveis e obter resultados interessantes, ainda que não generalizáveis à população. O presente estudo não abrangeu uma amostra representativa da população, pelo que os resultados obtidos se restringem à amostra utilizada, permitindo, no entanto, retirar conclusões e verificar pressupostos abordados teoricamente.

Neste sentido, este trabalho servirá como ponto de partida, numa perspectiva exploratória, para uma investigação aprofundada e complementar sobre esta temática tão importante que é a vinculação da criança em creche.

O ingresso da criança na creche será, porventura, o momento mais importante do seu futuro, na medida em que é a entrada num contexto social totalmente distinto do ambiente familiar, com características específicas que irão certamente condicionar o desenvolvimento da criança. A vinculação inicia-se a partir das respostas dadas pelos adultos, que permitem estabelecer as interações sociais, em que o educador desempenha um papel fundamental e de elevada responsabilidade.

O educador, com o seu comportamento e intervenção, permite construir a sensação de segurança, sendo essencial ao desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. A relação de vinculação é uma construção progressiva, sendo inata e modelada e decorre de interações com o meio social.

O papel da creche é complementar ao papel da família na tarefa de criar vínculos, tentando conjugar os interesses da família com os interesses da criança. Do dia-a-dia na creche, todas as rotinas pressupõem interações e contactos físicos entre crianças e adultos, por exemplo mudar a fralda, lavar, vestir, dar de comer, abraçar, entre outros, representando momentos onde a vinculação está a ser desenvolvida e consolidada.

Neste projecto os momentos observáveis foram exclusivamente o momento de chegada à creche e o momento de partida da criança. Nestes momentos podemos observar comportamentos que são importantes e que condicionam o comportamento da criança durante o dia na creche e o bem-estar dela. Condiciona também o comportamento dos pais, pois eles ficam preocupados quando o filho fica a chorar e transmitem isso para a criança. A qualidade de relações estabelecidas durante os primeiros dois anos de vida assume-se como extremamente importante para o desenvolvimento da personalidade da criança (Portugal, 1998). A partir do momento em que a criança é entregue a alguém que não os pais, as interações com estes tornam-se mais limitadas. A criança perde os seus pontos de referência logo cria-se uma desorganização, uma angústia e sofrimento, podendo-se traduzir em diferentes comportamentos de agitação de recusas, perturbações de sono, problemas alimentares e entre outros, durante os primeiros dias da criança na creche, podem ocorrer diferentes situações, choro, protesto, agarram-se aos pais. Estes sinais acabam por desaparecer ao longo dos primeiros dois meses (Portugal, 1998). Cabe ao educador, arranjar estratégias para agir em conformidade com as diferentes situações que surgem, isto é, como cada criança é um ser diferente o educador deve actuar com um conhecimento prévio da criança para poder minimizar o “sofrimento” dela no momento de chegada e partida. Deste modo, a criança poderá estabelecer novos pontos de referência e desenvolver novas relações interiorizando as imagens que tem dos pais e acrescentando as imagens dos adultos que a acolhem no seu dia-a-dia na creche.

Como conclusão, para que os educadores desenvolvam práticas de acolhimento da criança e facilitar o processo de separação /adaptação é importante ter em conta toda a relação, considerando a criança e os seus pais, é importante também que os adultos (educadores e auxiliares) sejam considerados responsáveis e pessoas capazes de iniciativas criadoras no seu trabalho, observando a criança e analisando suas próprias acções. É neste sentido que a separação/adaptação à creche não deve ser vista isoladamente mas integrada no funcionamento global da creche, tendo em conta as apostas numa postura mais profissional dos adultos que trabalham neste contexto (Portugal, 1998).

Um bebé que se sente protegido terá muito mais hipóteses de se tornar um adulto seguro de si e capaz de amar e de se sentir amado.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abreu, Cristiano Nabuco, " *Teoria Do Apego: Fundamentos E Implicações Pesquisas Clínicas*" São Paulo, Casa do Psicólogo 2005.

Ainsworth, M., Blehar, M. C. Waters, E., Wall, S. (1978), *Patterns Of Attachment*, a psycholopmental study of the strange situation. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Assocites.

Aragão, Regina Orth " *O Bebê, O Corpo E A Linguagem* ", Colecção 1ª Infância, Casa do Psicólogo 2004.

Bowlby, J (1973), *Attachment and Loss, Separation*, London: Basic Books.

Bowlby, J, (1969), *Attachment and Loss: Attachment*. London: Basic Books (edição revista, 1992).

Bowlby, John, " *Perda Tristeza e Depressão*", Volume 3 da Triologia Apego e Perda, 1985, editora Martins fontes São Paulo.

Brazelton, T. Berry " *O Desenvolvimento Do Apego*" *Uma Família Em Formação* 1988, Porto Alegre.

Brazelton, T. Berry, " *O Desenvolvimento Do Apego, Uma Família Em Formação*" Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Brazelton, T. Berry, " *Tornar-se Família O Crescimento Da Vinculação Antes E Depois Do Nascimento*", Editora terramar, 1992.

Carvalho, Alysson., Salles, Fátima., Guimarães Marília. " *Desenvolvimento e Aprendizagem*", Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

Kramer, Sónia, Leite, Maria. Guimarães, Daniela,” *2 Infância e Educação Infantil*”, 6ª edição, Campinas SP, 1999 – Coleção Prática Pedagógica.

Lipp, Marilda “ *O Stress do Professor*” Campinas, S. Paulo 2002 ed. Papyrus.

Martins, Eva, Regulação Emocional Diádica, Temperamento e Nível de Desenvolvimento aos 10 meses como Preditores da Qualidade da Vinculação aos 12/16 meses, 2007, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Montagner, Hubert, “ *A Vinculação, A Aurora Da Ternura*”, *Epigénese e Desenvolvimento*, Instituto Piaget, 1993.

Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. 2000 “ *Análise de dados para ciências sociais: a complementariedade do spss (2ª ed.)*”. Lisboa: Edições Sílabo.

Portugal, Gabriela,” *Crianças Famílias e Creches “Uma Abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche*, 1998, Porto Editora.

Rajecky, D. W., Hoffman, Howard, Ratner, Alan, Harlow, Harry, Ainsworth, Mary S., Bowlby, John, “ *As ligações Infantis*”, 1976, Livraria Bertrand.

Ricotta, Luísa Cristina de Azevedo” *Valores do Educador: Uma Ponte Para A Sociedade Do Futuro*”, 2006 Editora Ágora.

Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência: Estudo intergeracional mãe-filho*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia.
Vinculação. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2009.

Vygotsky, L. S. (1998). *A Formação Social Da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

ANEXOS

Anexo I - Questionário aplicado às funcionárias da Creche

Anexo II - Questionário aplicado aos pais das crianças da Creche

Anexo III - Grelha de Observação das crianças da Creche

ANEXO I

QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS FUNCIONÁRIAS DA CRECHE

Questionário de Caracterização

(Adaptado de: Santos, V. V. e Farate, C., 1999)

Este questionário insere num estudo académico, no âmbito da Pós-Graduação em Creche da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.

O questionário é constituído por 2 grupos de questões:

1 - Características sócio-demográficas do adulto no contexto educativo ou agente de educação

2 - Caracterização dos comportamentos adoptados pelo adulto na adaptação escolar da criança.

Responda ao questionário colocando um X no local adequado à sua opção.

As suas respostas são anónimas, pelo que será garantida a confidencialidade.

Agradecemos a sua colaboração.

1 - Caracterização sócio-demográfica do adulto no contexto educativo ou agente de educação

1.1 - Idade:

Idade	
Menos de 20 anos	
Entre os 20 e os 25 anos	
Entre os 26 e os 30 anos	
Entre os 31 e os 35 anos	
Entre os 36 e os 40 anos	
Entre os 41 e os 45 anos	
46 Anos ou mais	

1.2. – Género:

Género	
Feminino	
Masculino	

1.3 - Escolaridade do adulto no contexto educativo ou agente de educação

Analfabeto	
Sem escolaridade (lê e escreve)	
1º Ciclo	
2º Ciclo	
3º Ciclo	
11º Ano	
12º Ano	
Curso Profissional. Qual? _____	
Licenciatura/Bacharelato	
Mestrado	
Doutoramento	
Outro. Qual? _____	

1.4 - Situação profissional

Categoria profissional

Categoria	
Educador de Infância	
Auxiliar de Educação	
Auxiliar de Serviços Gerais	
Outra Qual? _____	

Tempo de serviço total como

Tempo de serviço	
Menos de 5 anos	
Entre os 5 e os 10 anos	
Entre os 11 e os 15 anos	
Entre os 16 e os 20 anos	
Mais de 20	

Tempo de serviço em creche:

Tempo de serviço em creche	
Menos de 5 anos	
Entre os 5 e os 10 anos	
Mais de 10	

2- Caracterização da adaptação escolar da criança

2.1 - Idade das crianças com quem trabalha

Faixa etária	
Dos 4 meses aos 12 meses	
Dos 12 meses aos 24 meses	
Dos 24 meses aos 36 meses	

2.2 – Que estratégias utiliza para facilitar a adaptação da criança à creche (por favor assinale três estratégias que mais utiliza)

ESTRATÉGIAS	
Sorrir para a criança	
Aproximar-se da criança e tentar pegar nela ao colo	
Falar com a criança	
Distrair a criança com algo	
Falar com a criança sobre um amiguinho que está a sua espera	
Levar a criança para outro local para a acalmar	
Brincar com a criança	

2.3. – Dos seguintes comportamentos, por favor assinale (três comportamentos), aqueles com os quais se identifica mais quando recebe a criança.

COMPORTAMENTOS	
Acalmar a criança	
Brincar com a criança	
Distrair a criança	
Pegar na criança	
Falar com a criança	
Prometer telefonar	
Levar a criança à janela para dizer adeus	
Passear a criança pelas outras salas	
Dizer à criança que o pai vem mais cedo	

Obrigado

ANEXO II

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PAIS DAS CRIANÇAS DA CRECHE

Questionário de Caracterização

(Adaptado de: Santos, V. V. e Farate, C., 1999)

Este questionário insere num estudo académico, no âmbito da Pós-Graduação em Creche da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.

O questionário é constituído por 6 grupos de questões:

- 1 - Características sócio-demográficas da mulher**
- 2 - Caracterização Familiar**
- 3 - Caracterização da gravidez e parto**
- 4 - Caracterização da criança à nascença**
- 5 - Caracterização da relação precoce mãe-filho**
- 6 - Caracterização da adaptação escolar da criança.**

Responda ao questionário colocando um X no local adequado à sua opção.

As suas respostas são anónimas, pelo que será garantida a confidencialidade.

Agradecemos a sua colaboração.

1 - Caracterização sócio-demográfica da mulher

1.1 - Idade da mulher:

Faixa etária	Idade actual	Idade em que foi mãe
Menos de 20 Anos		
Entre os 20 e os 25 Anos		
Entre os 26 e os 30 Anos		
Entre os 31 e os 35 Anos		
Entre os 36 e os 40 Anos		
Entre os 41 e os 45 Anos		
46 Anos ou mais		

1.2 - Estado civil:

Solteira	
Casada/União de facto	
Separada/Divorciada	
Viúva	

1.3 - Escolaridade da mulher

Analfabeta	
Sem escolaridade (lê e escreve)	
1º Ciclo	
2º Ciclo	
3º Ciclo	
11º Ano	
12º Ano	
Curso Profissional. Qual? _____	
Licenciatura/Bacharelato	
Mestrado	
Doutoramento	
Outro. Qual? _____	

1.4 - Situação profissional

Estudante	
Em Formação profissional	
Desempregada há mais de um ano	
Desempregada há menos de um ano	
Emprego estável (vínculo definitivo)	
Emprego precário (contrato a termo)	
Emprego ocasional	
Doméstica	
Reformada	
Com Pensão Social (rendimento mínimo)	

2 - Caracterização Familiar

2.1 - Tipo de Família

Alargada	
Nuclear	
N. Reconstruída	
Monoparental	
Unitária	
Outras Descreva: _____	

2.2 - N.º de Elementos que Coabitam

2 Elementos	
3 Elementos	
4 Elementos	
5 Elementos	
6 Elementos ou mais	

2.3 - Coabita com um companheiro? Sim; Não

2.4 - O companheiro actual é o pai da criança? Sim; Não

2.5 - A criança tem irmãos? Sim; Não

2.6 - Composição do Agregado Familiar?

Mãe	
Pai	
Filho	
Irmão	
Avós	
Outros Descreva: _____ _____	

2.7 - O agregado familiar inclui a criança? Sim; Não

2.8 - Relações com a Família de Origem:

Com...	Boa	Suficiente	Conflituosa	Indiferente
A Mãe				
O Pai				
Os Sogros				
Outros familiares significativos				

3 - Caracterização da gravidez e parto

3.1 - A gravidez foi:

Planeada		
Não planeada	Aceite	
	Não aceite	

3.2 - Tomou medicamentos para o sistema nervoso durante a gravidez?

Sim; Não.

3.3 - O estado de gravidez foi constado:

Precocemente (até às 20 semanas); Tardiamente (depois das 20 semanas).

3.4 - A gravidez foi:

Não vigiada	
Vigiada precocemente	
Vigiada tardiamente	

4 - Caracterização da criança à nascença

4.1 - Ano de nascimento da criança em estudo

2007	
2008	
2009	

4.2 - Sexo: Feminino; Masculino.

4.3 - Peso ao nascer

Menos de 2 kg	
Entre 2kg e 2,5kg	
Entre 2,5kg e 3kg	
Entre 3kg e 3,5kg	
Mais de 3,5kg	

4.4 - Asfixia ao nascer: Sim; Não.

4.5 - Malformações: Sim; Não.

4.6 - Doenças crónicas detectadas: Sim; Não.

5 - Caracterização da relação precoce mãe-filho

5.1 - Amamentou a criança? Sim; Não.

Se sim, fê-lo durante quanto tempo:

Menos de 1 mês	
Cerca de 1 mês	
De 1 a 3 meses	
Entre 3 e 6 meses	
Entre 6 e 12 meses	
Mais de 1 ano	

5.2 - Durante os primeiros 6 meses de vida da criança foi a mãe o principal prestador de cuidados à criança? Sim; Não.

Se não, quem foi o principal cuidador:

Avó materna	
Avó paterna	
Tia materna	
Tia paterna	
Outro familiar. Qual? _____	
Vizinha	
Ama	
Creche Instituição	

5.3 - Durante os primeiros 6 meses de vida separou-se da criança por longos períodos? Sim; Não.

Se sim, fê-lo durante quanto tempo:

Menos de 1 semana	
Entre 1 e 2 semanas	
Entre 15 e 30 dias	
Entre 1 e 2 meses	
Entre 2 e 3 meses	
Entre 3 e 6 meses	
Mais de 6 meses	

5.4 - O principal motivo da separação foi:

Abandono	
Emigração	
Imigração	
Judicial	
Doença	
Outro. Qual? _____	

5.5 - Houve algum internamento da criança? Sim; Não.

Se respondeu não, passe às perguntas do grupo 6. - Se respondeu sim, responda a todas as questões do grupo

5.6 - O internamento ocorreu:

Poucos dias após o parto Alguns dias (ou semanas) após o parto

5.7 - A duração do internamento foi de:

Entre 2 e 3 dias	
Entre 4 e 7 dias	
Entre 8 e 15 dias	
Entre 16 e 30 dias	
Entre 1 e 2 meses	
Mais de 2 meses	

5.8 - As visitas efectuadas à criança nesse internamento foram:

Diárias	
Periódicas	
Esporádicas	
Não visitou	
Outra situação. Qual? _____	

5.9 - A duração habitual dessa visita foi:

Inferior a 30 minutos	
De 30 a 60 minutos	
Entre 1 e 3 horas	
Mais de 3 horas	

5.10 - Durante esse internamento ajudou na prestação de cuidados à criança?

Sim; Não.

Se sim, fê-lo por: Sua iniciativa; Estimulação pelo pessoal de saúde.

6 - Caracterização da adaptação escolar da criança

6.1 - Idade da criança

Faixa etária	Idade actual	Idade que entrou na creche
4 meses		
Entre os 5 e os 8 meses		
Entre os 9 e os 12 meses		
Entre 1 ano e 1 ano e meio		
Entre 1 ano e meio e 2 anos		
Entre 2 e 3 anos		

6.2 - Teve dificuldades em ficar na escola nos primeiros dias?

Sim; Não.

Se sim, como reagia?

Choro	
Agarrar a mãe	
Agressividade	
Tentativa de fuga	
Outra. Qual?	

6.3 - Actualmente tem dificuldade em ficar na escola?

Sim; Não.

Se sim, como se manifesta essa dificuldade?

Choro	
Agarrar a mãe	
Agressividade	
Tentativa de fuga	
Outra. Qual?	

6.4 - Quem leva a criança à escola?

Pai	
Mãe	
Avó materna	
Avó paterna	
Tia materna	
Tia paterna	
Outro familiar. Qual? _____	
Vizinha / pessoa amiga	
Ama	

6.5 - Como se relaciona o seu filho com os seus colegas?

Com facilidade	
Com dificuldade	
Isola-se	

6.6 - Acha que o seu filho tem uma boa relação com o educador/professor?

Sim; Não.

Se não, qual a dificuldade? _____

6.7 - A criança apresenta (ou já apresentou) dificuldades de comportamento?

Sim; Não.

Se sim, de que tipo?

Obrigado

ANEXO III

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DAS CRIANÇAS DA CRECHE

GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Nome da criança:

Nº de dias que frequenta a creche:

Data da observação:

Comportamentos da criança	Frequentemente	Às vezes	Nunca
Chora			
Ri			
Fica bem disposta			
Fica triste			
Esconde-se atrás do pai/mãe			
Bate no pai/mãe			
Chama pelos pais			
Recusa-se a entrar			
Recusa-se a alimentar-se			
Recusa-se a fazer a sesta			
Não quer a chupeta			
Anda sempre de chupeta			
Vira a cara ao adulto			
Atira-se para o chão			
Atira objectos para o chão			
Recusa o amigo			
Procura o amigo			

a) Avaliação da interacção com a mãe:

1. A criança permanece em contacto físico com a mãe? Sim Não

2. Olha para a mãe? Frequentemente Raramente

3. A mãe favorece as trocas verbais? Sim Não

4. A criança dirige-se verbalmente à mãe?
Frequentemente Raramente Nunca

5. As trocas verbais no conjunto são: Ricas Pobres Ausentes

Conclusão: A interacção é: Adequada Inadequada Insuficiente

b) Avaliação da vinculação

1. A separação é possível? Sim Não

2. Reacção da criança à partida da mãe

Quer seguir a mãe, Chora, grita ou tem outras manifestações de protesto
Tem manifestações de tristeza

Prossegue a actividade que tem antes da partida da mãe embora note a sua saída Não tem reacção aparente Outra

3. A criança reencontra a mãe: Com prazer Com evitamento
Com zanga (choro, caprichos) Não se manifesta

Conclusão:

A vinculação é: Segura Ansiosa-resistente(Insegura) Ansiosa-
evitante(Insegura)

c) Avaliação da capacidade de socialização

1. A criança entra em contacto com o observador: Facilmente
Com dificuldade Não entra

2. A criança comunica verbalmente com o observador:
Com riqueza verbal Com pobreza verbal Não comunica

3. A criança é capaz de brincar com o observador? Sim Não

Conclusão: A capacidade de socialização é Suficiente Insuficiente